



**ALICE
VIEIRA**
*Rosa,
minha
irmã*
Rosa

33.ª EDIÇÃO

CAMINHO



Rosa,
minha
irmã
Rosa

COL. OBRAS DE ALICE VIEIRA

ROSA, MINHA IRMÃ ROSA, Prémio de Literatura Infantil «Ano Internacional da Criança», Auswahlste Deutscher Jugendliteraturpreis, Alemanha, 1979, 32.^a edição, 2018 • LOTE 12, 2.^o FRENTE, 17.^a edição, 2015 • CHOCOLATE À CHUVA, 31.^a edição, 2017 • A ESPADA DO REI AFONSO, 13.^a edição, 2010 • ESTE REI QUE EU ESCOLHI, Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil 1983, 14.^a edição, 2011 • GRAÇAS E DESGRAÇAS DA CORTE DE EL-REI TADINHO, 21.^a edição, 2016 • ÁGUAS DE VERÃO, 11.^a edição, 2017 • FLOR DE MEL, Estrela de Prata do Prémio Peter Pan, Suécia, 2009, 10.^a edição, 2010 • VIAGEM À RODA DO MEU NOME, 11.^a edição, 2010 • PAULINA AO PIANO, 5.^a edição, 1999 • ÀS DEZ A PORTA FECHA, 8.^a edição, 2015 • A LUA NÃO ESTÁ À VENDA, 10.^a edição, 2010 • ÚRSULA, A MAIOR, 9.^a edição, 2011 • OS OLHOS DE ANA MARTA, Prix Octogone, França, 2000, 7.^a edição, 2010 • LEANDRO, REI DA HELÍRIA, 27.^a edição, 2017 • PROMONTÓRIO DA LUA, 6.^a edição, 2009 • CADERNO DE AGOSTO, 4.^a edição, 2006 • SE PERGUNTAREM POR MIM DIGAM QUE VOEI, 8.^a edição, 2017 • UM FIO DE FUMO NOS CONFINS DO MAR, 3.^a edição, 2011 • TRISAVÓ DE PISTOLA À CINTA, 7.^a edição, 2017 • VINTE CINCO A SETE VOZES, 4.^a edição, 2012 • O CASAMENTO DA MINHA MÃE, 2005 • A VIDA NAS PALAVRAS DE INÊS TAVARES, 2008 • MEIA HORA PARA MUDAR A MINHA VIDA, 3.^a edição, 2017.

COL. HISTÓRIAS TRADICIONAIS PORTUGUESAS

CORRE, CORRE CABACINHA, 2.^a edição, 2000 • UM LADRÃO DEBAIXO DA CAMA, 1991 • FITA, PENTE E ESPELHO, 1991 • A ADIVINHA DO REI, 1991 • RATO DO CAMPO E RATO DA CIDADE, 1992 • PERIQUINHO E PERIQUINHA, 1992 • MARIADASILVAS, 1992 • DESANDA CACETE, 1992 • AS TRÊS FIANDEIRAS, 1993 • A BELA MOURA, 1993 • O COELHO BRANQUINHO E A FORMIGA RABIGA, 1994 • O PÁSSARO VERDE, 1994 • OS ANÉIS DO DIABO, 1998 • O GIGANTE E AS TRÊS IRMÃS, 1998 • MANHAS E PATRANHAS, OVOS E CASTANHAS, 2003 • AS MOEDAS DE OURO DE PINTO PINTÃO, 2003.

COL. HISTÓRIAS TRADICIONAIS PORTUGUESAS. NOVA SÉRIE

A MACHADINHA E A MENINA TONTA E O CORDÃO DOURADO, 2006 • RATO DO CAMPO E RATO DA CIDADE E JOÃO GRÃO DE MILHO, 2006; 3.^a edição, 2017 • O FILHO DO DEMÓNIO E A ADIVINHA DO REI, 2007 • SE HOUVESSE LIMÃO E O COELHO BRANQUINHO E A FORMIGA RABIGA, 2008 • O MENINO DA LUA E CORRE, CORRE, CABACINHA, 2009; 8.^a edição, 2018 • O SAPATEIRO E O PÁSSARO VERDE, 2009 • A VERDADEIRA HISTÓRIA DO DR. GRILLO E PERIQUINHO E PERIQUINHA, 2010 • A BELA MOURA E A VELHA CAIXA, 2014 • UM LADRÃO DEBAIXO DA CAMA E SOPA DA PEDRA, 2018.

OUTRAS OBRAS

ESTA LISBOA, 1993 • EU BEM VI NASCER O SOL, 8.^a edição, 2009 • PRAIAS DE PORTUGAL, 1997 • CONTOS E LENDAS DE MACAU, 2.^a edição, 2009 • 2 HISTÓRIAS DE NATAL, 2.^a edição, 2006 • ROSA, MINHA IRMÃ ROSA, edição comemorativa do 25.^o aniversário da primeira edição, 2004 • DOIS CORPOS TOMBANDO NA ÁGUA, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho (Poesia), 2.^a edição, 2008 • TEJO (com fotografias de Neni Glock), 2009 • O QUE DÓI ÀS AVES, 2.^a edição, 2014 • A ARCA DO TESOURO, 2010; 6.^a edição, 2017 • OS PROFETAS, 2011 • OS ARMÁRIOS DA NOITE, 2014; 2.^a edição, 2015.

ALICE VIEIRA

Rosa,
minha
irmã
Rosa

32.^a Edição

CAMINHO

Título: *Rosa, minha Irmã Rosa*

Autora: Alice Vieira

© Editorial Caminho, 1980

Capa: Patrícia Furtado

1.^a edição, 1979

32.^a edição, fevereiro de 2018 (reimpressão)

Pré-impressão: Leya, SA

Impressão e acabamento: Multitipo

Tiragem: 6000 exemplares

ISBN: 978-972-21-2905-3

Depósito legal n.º 425 908/17

Editorial Caminho, SA

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, 2

2610-038 Alfragide – Portugal

www.caminho.leya.com

www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo
com a legislação em vigor.

1

Quando a minha irmã nasceu, o meu desapontamento foi tão evidente que a minha mãe, abafada entre lençóis e cobertores da cama do hospital, me disse:

— Ela vai crescer num instante!

Assim como se me pedisse desculpa nem ela saberia ao certo de quê.

Num instante.

Num instante?

Num instante descia eu a rua para ir a casa da Rita trocar cromos («não te compro mais enquanto não colares na caderneta todos os que tens!», dizia a mãe tantas vezes), ou para lhe emprestar um livro, ou ela a mim.

Num instante bebia eu o leite nos dias em que me atrasava, para apanhar a carrinha da escola, a voz de Margarida nos meus ouvidos: «Olhe que por sua causa vamos chegar tarde!»

Num instante ficava em água o gelo, em tempo de calor — e o que eu e a Rita tínhamos rido no dia em que

a Chica estava cheia de medo que os cubos de gelo entupissem a pia...

Não, a minha irmã não ia crescer num instante. E eu não entendia por que razão a minha mãe tinha dito aquilo, se ela sabia, tão bem como eu, que não era verdade.

Desse dia lembro-me ainda que fui dormir a casa da minha avó Elisa, que me encheu os bolsos de rebuçados, e me deixou ir para a cama mais tarde e sem se importar de saber se eu tinha lavado bem os dentes. Já deitada, ouvi o telefone tocar muitas vezes, e sempre a minha avó respondia:

— É outra rapariga... Correu tudo bem...

O sono não vinha, por mais que fechasse os olhos com muita força, como a Rita me ensinara. O colchão da minha cama era rijo («faz bem à espinha!», dizia o pai) e o colchão da avó era mole, tão mole, com uma cova no meio. Além disso a avó Elisa tinha muito medo das constipações e não me deixava abrir nem uma gretinha da janela. Além disso...

Além disso faltava-me a voz da mãe («vá, dorme, que amanhã tens de te levantar cedo para a escola!»), faltavam-me as suas mãos a aconchegarem-me ao corpo a roupa da cama. Faltava-me saber que ela estava ao pé de mim mesmo que não a visse nem ouvisse.

Mas isso eu não dizia a ninguém, nem à Rita. Toda a gente gritava aos quatro ventos que eu já era crescida, havia de ser bonito se me vissem ali, encolhida na cama, lágrimas nos olhos e na garganta, com saudades de casa e da mãe. Até a Rita havia de rir, com certeza. Mas a verdade é que era isso mesmo que eu sentia. Isso mesmo: saudades. E era só por isso que não conseguia adormecer.

— Correu tudo bem...

E como teria sido se tudo tivesse corrido mal?

E o que quereria dizer, ao certo, «correr bem»?

A mãe e o pai tinham-me explicado como tudo acontece, logo no momento em que a barriga dela começara a crescer: o pequeno, invisível grão aí colocado pelo pai, o ovo a desenvolver-se dia a dia lá dentro, isso eu sabia. Lembro-me que um dia até achei graça ao ver mexer a barriga da mãe.

— É o bebé a virar-se cá dentro — disse ela.

— Com tanto pontapé até é capaz de vir aí algum jogador de futebol — disse o pai.

Mas tudo agora não passava de palavras, de histórias que me tinham contado. Talvez fosse isso que a Margarida queria dizer todas as vezes que, lá na escola, lhe acontecia algum aborrecimento e ela bichanava para a Teresa:

— Pois é, a gente só sabe dar o valor quando nos toca a nós!

Eu não sabia bem o que quereria exatamente ela dizer com essas palavras, mas lá que havia coisas que ficavam muito diferentes quando saíam dos livros para a nossa vida, lá isso havia.